



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares

GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação
Interdisciplinar de Professores

**SOMOS RICOS E PORNOGRÁFICOS: SEXO, PODER E
FAMÍLIA EM NOSSA PARTE DE NOITE, DE MARIANA
ENRIQUEZ**

**WE ARE RICH AND PORNOGRAPHIC: SEX, POWER,
AND FAMILY IN OUR SHARE OF NIGHT: A NOVEL, BY
MARIANA ENRIQUEZ**

Marcos Antonio Leite Junior ¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a concepção de família burguesa no livro *Nossa parte de noite*, de Mariana Enriquez. Observa-se que as famílias ricas da narrativa, apoiadas na Ordem, uma seita milenar, violam o corpo de outras personagens. A partir deste estudo, foi possível investigar a organização das famílias, a sexualidade, a maternidade e outros aspectos. Evidenciou-se que essas famílias, participantes da Ordem, não se encaixavam nos padrões estabelecidos pela sociedade, mas viviam com liberdade, utilizando as transgressões como forma de se diferenciarem e reafirmarem seu poder. O trabalho conta com referências de autores(as) da História, dos Estudos Culturais e da Literatura, e busca construir um diálogo interdisciplinar por meio das reflexões propostas nas obras de Mariana Enriquez.

Palavras-chave: Nossa parte de noite. Mariana Enriquez. Famílias ricas. Estudos Culturais.

ABSTRACT

This work aims to present the bourgeois family in the book *Our share of night: A novel*, by Mariana Enriquez. It is observed that rich families, with the help of the Order, an ancient sect, attack the bodies of other characters. The analysis allowed us to investigate the organization of families, sexuality, motherhood and other aspects. It was demonstrated that these families, participants of the Order, did not fit into society's standard, but they lived freely, using transgressions as a way of power. The article features authors from History, Cultural Studies, and literature and seeks to build an interdisciplinary dialogue with the book of Mariana Enriquez.

Keywords: Our share of night: A novel. Mariana Enriquez. Rich families. Cultural studies.

¹ Mestrando em Estudos Culturais pelo Programa de pós-graduação em Estudos Culturais, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Aquidauana (PPGCult/UFMS-CPAQ), e-mail:marcos.l.junior@ufms.br



1. INTRODUÇÃO

Antes de iniciar o curso de História, eu estudava em uma escola pública do estado de São Paulo. Lembro-me de que, em uma aula de Biologia, descobri as diferentes formas de reprodução dos animais. Algumas aves possuem uma estrutura chamada cloaca; uma de suas funções é a reprodução. Não sei se poderia e se alguém estaria disposto a ler minha explicação, mas creio que temos materiais e pessoas mais apropriadas para essa tarefa. O que importa aqui é a estranheza para os adolescentes – e para os adultos – em descobrir que existem aparelhos reprodutores e formas de se reproduzir diferentes da nossa. As perguntas mais realizadas em cada aula foram: “Como este animal se reproduz e forma uma família?” e “Este animal não tem pênis?”. A professora tentou responder a todas as perguntas, mas algumas envolvem algo mais complexo que não diz respeito exatamente à reprodução dos animais e, por este motivo, é mais difícil responder. Sempre achei curiosa a menção sobre os “animais que formam uma família”, porque geralmente são famílias parecidas com o modelo de família dos humanos ocidentais.

Sabemos muitas coisas e, quando digo que alguém se surpreende com algo, não retiro o lugar daqueles(as) que sabem de tal informação e, portanto, não se impressionam. Porém, não se trata apenas disso, ao ingressar no programa de Estudos Culturais, aprendi que a reação chocante de muitas pessoas é mais frequente do que imaginamos. Criamos um imaginário de homem, mulher, casal e família para nós, para o(a) outro(a) e, às vezes, para o inanimado. É comum ouvir esses comentários em alguns vídeos publicados na internet. Em um desses materiais, a pessoa explica que a colher e a faca são mulheres e que o garfo é o homem. Além disso, esses objetos são casados, neste caso uma das duas (colher ou faca) seria a amante.

O professor Doutor em Ciências Sociais Tiago Duque, em algumas aparições publicadas em jornais do estado de Mato Grosso do Sul², comenta sobre como a questão do gênero aparece nas noites natalinas de Campo Grande (MS). Entre as atrações apresentadas na cidade, a figura da rena vem se destacando. Segundo Duque (2022, 2023), o animal ganhou uma parceira sexual que possui laço na cabeça e cílios longos, e seu cachecol foi substituído por uma gravata borboleta. O senhor e a senhora rena se casaram – semelhante ao modelo de casamento cristão – e estão esperando um filhote.

² Para saber mais: <https://www.campograndenews.com.br/artigos/a-rena-natalina-nao-e-mais-a-mesma>.
<https://oestadoonline.com.br/artigos/artigo-por-uma-sociologia-que-liberte-as-renas-natalinas/>.



Início o texto com esse debate, pois procuro demonstrar, não apenas como atribuímos gênero e sexo, mas também uma lógica ideal de família para o humano e o não-humano. As renas não só ganharam aspectos entendidos como femininos ou masculinos, além disso, formaram uma família. O garfo é casado e a “outra” desempenha o papel de amante. É preciso ter uma amante, pois não se pode quebrar a estrutura do matrimônio; entretanto, pode-se romper em segredo o contrato de relacionamento e trair. Trair a parceira, mas sem abandonar o ideal de família perfeita. Dessa forma, torna-se um grande desafio para um indivíduo pensar em possibilidades outras de matrimônio, família e afeto. Neste artigo, pretendo apresentar o íntimo e o cotidiano presente em famílias ricas no livro *Nossa Parte de Noite*, de Mariana Enriquez.

2. A LITERATURA E OS ESTUDOS CULTURAIS: LETRAS CONTESTADORAS E VOZES LATINO-AMERICANAS

A literatura latino-americana apresenta grande espaço de contestação e contribui muito ao pensar em possibilidades de lidar com os corpos e saberes também latino-americanos. Isso não significa um abandono ou desvalorização de produções culturais europeias; muito pelo contrário, justamente devido à supervalorização dada a este cânone que devemos – ou deveríamos – fazer o contrário, isto é, olhar com uma lupa, com um cuidado que beira ao exagero, a fim de repensar nosso próprio lugar em meio às conflituosas relações sociais. Este estudo recebe contribuições da História, da Literatura e dos Estudos Culturais. O caráter interdisciplinar possibilita que observemos as brechas, algo que, muitas vezes, não seria possível em um único campo disciplinar do conhecimento.

O diálogo entre Estudos Culturais e Literatura evidencia a urgência de se ler obras latino-americanas. É preciso ler como se não fosse possível parar e, a partir disso, mastigar e se inquietar com as palavras, narrativas e personagens. Nessa etapa, foi possível contar com o auxílio dos Estudos Culturais, campo que propõe profundas transformações na sociedade.

Assim, o que proponho neste estudo é discutir o íntimo e o cotidiano retratado em famílias burguesas de “*Nossa Parte de Noite*”, de Mariana Enriquez. Atualmente, a escritora argentina tem relevância mundial; seu livro foi traduzido para muitas línguas, como português, inglês, francês e alemão. Sua narrativa de terror possibilita o incômodo, o medo e a não aceitação das coisas como parecem ser.

3. EU POSSO TUDO E MAIS UM POUCO: FAMÍLIAS RICAS E CRIMINOSAS



O livro “Nossa parte de noite” conta a história de Juan, um médium que procurava a todo custo salvar a vida de seu filho, Gaspar. Uma vez que demonstrou ter herdado o dom de seu pai em relação à mediunidade, o garoto estava predestinado a ocupar o lugar de Juan na Ordem – seita regida por Mercedes, Anne e Florence. A instituição cultuava um deus antigo chamado Escuridão, que poderia revelar os caminhos para a imortalidade. A mãe de Gaspar chamava-se Rosario, era uma antropóloga de relevância internacional e foi assassinada pela própria mãe ao cruzar os caminhos da mulher. O nome de sua mãe era Mercedes, a mesma que gerenciava a seita supracitada.

Nota-se até aqui como Enriquez quebra com um ideal de feminilidade. Na narrativa, são essas três mulheres que tomam decisões, violam e detêm o poder de modo majoritário. Entre elas, Mercedes se apresenta como a mais cruel³, pois além de sacrificar sequestrados (as) da ditadura, mantém em cativeiro crianças guaranis, em Corrientes, Argentina. Vamos a partir de uma recordação de Juan, entender melhor como isso se passa:

Lembrou-se de quando Rosário foi forçada a cuidar de outra ninhada de crianças sequestradas, que Mercedes mantinha em uma das suas terras na província de Buenos Aires, e ele havia decidido ajudá-la. Naquela vez, eles também estavam em jaulas. Agora o primeiro garoto estava em uma jaula enferrujada e suja que provavelmente havia carregado animais. Tinha a perna esquerda amarrada às costas, numa posição que havia quebrado seu quadril. Como era muito novo (um ano?, difícil saber pela sujeira), certamente havia sido fácil fraturá-lo. Seu pescoço também já estava torcido, pela posição do pé, e, quando Juan aproximou-se a lanterna para vê-lo melhor, reagiu como um animal, com a boca aberta e um grunhido; sua língua havia sido cortada em dois e agora era bífida. Em volta dele, dentro da jaula, estavam os restos de sua comida: esqueletos de gatos e alguns pequenos ossos humanos (Enriquez, 2021, p. 130).

Essas relações profundas e violentas são estendidas para o espaço privado, o da família. O primeiro ponto é o modo perverso que Mercedes tratava sua filha. A narrativa, que não respeita uma ordem cronológica, apresenta no capítulo “Círculo de giz”, a relação conturbada que Rosario tinha com a mãe desde a infância: “En relación con este hecho se encuentra la experiencia de la maternidad, otro de los temas tocados en la obra. Mercedes no solo odia a su hija, sino que propicia su desaparición [...]” (Becerril Matía, p. 15, 2020).

No entanto, não é minha intenção afirmar que existe um modo correto de ser mãe; neste caso, a personagem rompe com sua própria humanização e procura fazer o mesmo com sua filha. Marília Bueno de Araújo Ariza (2017), em sua tese de doutorado *Mães infames*,

³ Do ponto de vista narrativo, nota-se com maior ênfase a crueldade de Mercedes. Isso não retira Anne e Florence da análise, uma vez que ambas também violavam em nome dos segredos ditados pela Escuridão. Além disso, a Ordem é um símbolo de crueldade e violência.



rebetos venturosos: Mulheres e crianças, trabalho e emancipação em São Paulo (século XIX), demonstra como as normas sociais estabeleciam parâmetros ideais, porém fictícios, baseados na maternidade burguesa. O que pretendo com este trabalho não é comparar um fato real com um ficcional, mas sim repensar como diferentes autoras latino-americanas rompem com o modelo de mãe e de maternidade. O padrão da burguesia que se apresenta como o ideal a ser seguido é questionado na narrativa de Enriquez, quando Mercedes, embora milionária, esteve longe de ser um exemplo de mãe burguesa a ser seguido.

Entretanto, sem muita surpresa, Mercedes não é impedida, nem repreendida por ninguém. Mesmo se o seu íntimo fosse exposto, as verdades seriam silenciadas. A informação pode ser comprovada em uma conversa entre a jornalista Olga Gallardo e Beatriz Bradford, ex-guerrilheira e sobrinha de Mercedes: "Não o esconda [o gravador]. Pode me gravar se quiser. Não tenho nada a perder. Além do mais, se eles não quiserem que esta conversa se torne pública, ela não se tornará. Controlam outras regras. Não estão mais nervosos" (Enriquez, 2021, p. 409). Este é o diálogo com a tese de Ariza (2017): muitas mulheres ao longo de toda a história, perderam – e continuam perdendo – a guarda de seus(suas) filhos(as) por serem julgadas como incapazes de serem mães. Porém, a classe alta segue como parâmetro ideal de afeto/casamento/família, mesmo que o privado seja inacessível para nós. A família Bradford não necessariamente fazia questão de ser um modelo para a sociedade, mas poderia sê-lo caso quisesse. Apresento a vocês o poder das famílias ricas retratadas na novela: o de não se importar, ofender sem medo das consequências, violar os corpos e viver como quiserem na sociedade.

O professor Doutor Cleyton Rodrigues dos Santos (2022), em seu artigo: Em linhas negras: diálogos político-escravistas em Machado de Assis, demonstrou como Machado de Assis retrata as pessoas escravizadas de forma realista em seus escritos. Não ocorre o mesmo na literatura de Enriquez, mas se pudesse estabelecer um diálogo com a produção do professor supramencionado, eu diria que a autora apresenta os monstros como eles são e consegue despertar a ansiedade e a angústia que sentimos diante das injustiças e impunidades. Mesmo sabendo o final do livro, fico aflito com a sensação de ausência de punição. Esse recurso estratégico de escrita faz com que o(a) leitor(a) deseje justiça e, conseqüentemente, leia o texto até o final. Para mais, muitos membros da Ordem sofrem uma condenação, que parte do sobrenatural: ficam presos em uma outra dimensão. Aqui é preciso levar também em consideração as influências da literatura fantástica, conhecida por suas fugas do real. Além disso, mesmo que os personagens criminosos fossem condenados, o problema está na



mentalidade das famílias⁴ às quais pertencem: a convicção que podem fazer tudo, inclusive, matar para alcançar a imortalidade. Talvez muitos leitores(as) fiquem satisfeitos(as) com o final das líderes da seita, porém, é preciso que não façamos uma ligação direta entre a literatura e nossas vidas. Sobre isso, existe uma longa discussão a respeito do uso da literatura na produção científica. No texto Saberes e sabores ou conversas sobre História e literatura, por exemplo, Maria do Rosario da Cunha Peixoto (2011), detalha o uso da literatura como um documento:

Se pensarmos a palavra documento no sentido positivista de prova, capaz de apreender a realidade tal qual, então o texto literário não é documento. Mas se usarmos o documento, isto é, a obra literária, não como espelho da realidade, e sim como espaço que também expressa possibilidades de devir elaborados pelos grupos sociais em luta, ela é documento (Peixoto, 2011, p. 27)

Dito isto, é relevante pensar como o sobrenatural de Enriquez nos convida a olhar para as impunidades e exigir reparações, condenações e justiça dentro do nosso próprio sistema judiciário.

Mariana Enriquez permeia muitos lugares na escrita, um deles é o medo como denúncia social. A autora é muito conhecida por retratar os desaparecidos políticos da Argentina e as aflições de suas famílias que atormentam a memória social de um passado terrível: o ditatorial. A memória, a história e a literatura estabelecem um diálogo importante para muitos(as) leitores(as) de Enriquez. A respeito disso, Jeanne Marie Gagnebin contribui muito para o debate quando afirmou:

Tarefa altamente política: lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente). Tarefa igualmente ética e, num sentido amplo, especialmente psíquica: as palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos do passado e a cavar um túmulo para aqueles que dele foram acusados (Gagnebin, 2006, p. 47)

Embora não seja o foco do artigo, não podemos deixar de mencionar que “Nossa Parte de Noite” ajuda a cavar um túmulo para os desaparecidos políticos da Argentina. No capítulo “O poço de Zañartú, por Olga Gallardo, 1993”, a autora se debruça a narrar o reencontro do corpo sequestrado. Já que não é o foco do meu trabalho, por que menciono tais trechos? Por dois motivos: Primeiro, através dessa perspectiva, estamos conhecendo as famílias, podemos ler os relatos das personagens que vão surgindo no capítulo e compreendemos a esperança deles de encontrarem os corpos de seus familiares para sepultá-los de forma digna. Essas pessoas não usufruem do mesmo *status* ostentado pelos Bradford. Na realidade, não sabemos

⁴ A Ordem é composta por muitos membros, entre eles a família Bradford. O substantivo está no plural, pois as condutas irregulares, criminosas e cruéis também são notadas em outras famílias.



muito sobre suas vidas, apenas que sua existência se mescla com a procura de um corpo desaparecido. O segundo motivo pelo qual levanto tal consideração é necessidade de enfatizar cumplicidade entre os Bradford⁵ e os militares. Em diálogo com os dois pontos citados anteriormente, percebe-se que Mariana Enriquez faz parte de uma geração de escritoras que não consegue esquecer seu passado. Sob esse aspecto, Beatriz Sarlo (2007) aponta que a lembrança não é uma escolha, não está em nosso controle:

Propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada [...] a lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável (em todos os sentidos dessa palavra). (Sarlo, 2007, p. 10)

Tali, meia-irmã de Rosário, é filha de Adolfo Reyes e Leandra, uma indígena que cultuava o santo popular São Morte, em Corrientes. Segundo Rosario, Leandra: “[...] era de uma beleza, não sei se alguma vez vi uma mulher tão naturalmente magnífica e gostosa” (Enriquez, 2021, p. 300). Nesse momento, já sabemos que Reyes se relacionava com outras mulheres. No entanto, Mercedes odiava Leandra porque seu marido se importava com ela, como nos mostra o seguinte fragmento: “Sua amante índia, Adolfo, é indiferente para mim. Mas para você ela importa. Eu posso permitir que você se deite com todas as putas do país, mas não posso permitir que se importe com alguma delas.” (Enriquez, 2021, p. 300).

Na Ordem, o ciúme não era uma prática que deveria ser cultivada. O que demonstra que Mercedes não se importava com o fato de seu marido sair com outras mulheres, desde que ele fosse indiferente a elas. No entanto, é importante atentar-se a um ponto mais específico: Mercedes é descrita como alguém que gosta de destruir tudo o que há de belo, ou seja, ela não disputa pelo amor de um homem, ela destrói o amor. E de fato conseguiu. Com seus feitiços, causou um câncer em Leandra, enfermidade que posteriormente a levou a óbito. O casamento arranjado de Mercedes e Adolfo permite lacunas para relações extraconjugais que poderiam ser mortais, não por causa do sexo, mas sim por um envolvimento sentimental, inadmissível para Mercedes. Dessa maneira, Zapata Betancur (2021) acerta ao chamar o casal de senhores feudais:

A los personajes de Adolfo y Mercedes también se les puede entender como unos señores feudales en Puerto Reyes, un feudalismo tropical. Los dos provienen de familias que han ostentado el poder en Argentina, tienen todo a su alcance y este lugar es su propio reino. Mercedes puede retener allí a las personas que serán sacrificios para la Oscuridad y Adolfo tiene en su dominio los cultivos de mate y a las personas de la zona, todo funciona a favor de la familia Bradford (Zapata Betancur, 2021, p. 52)

⁵ Entendo que toda a família usufrui de privilégios (em maior ou menor grau). Rosario conseguiu retirar seu cunhado, irmão de Juan, do país para protegê-lo da ditadura. Os militares não destruíram o templo de Tali, pois sabiam da importância de seu pai no país.



Assim, observa-se que o poder do casal está em invadir desde os espaços públicos até o mais íntimo do(a) outro(a), a vida individual, e tomar para si o corpo de quem desejar. A violência também está no poder de decidir castigar Leandra e não o marido. Algumas pessoas podem preferir acreditar que isso fere Adolfo de alguma forma. Talvez o tenha incomodado, mas sua vida foi preservada, permitindo-lhe desfrutar de sua riqueza e, caso queira, com outras mulheres.

O lar atípico em que Rosario cresceu, recebeu uma nova integrante, Tali:

Naquele ano Tali, minha meia-irmã, veio estudar em Buenos Aires. Foi uma fase violenta e difícil. Tali não suportava a cidade e chorava, pedia pela mãe, arrancava os cabelos. Mercedes batia nela; se eu me intrometesse, castigava-a também. Tentamos fugir uma vez, com Juan. Descobriram nosso plano e ficamos um mês sem jantar (Enriquez, 2021, p. 299)

Tali foi retirada de seu lar para receber uma educação da capital. A menina passou a viver em uma casa que não gostava, em outra cidade, com castigos e longe da presença da mãe. Depois de seu retorno a Corrientes, Rosario foi privada da convivência com sua irmã, pois Mercedes não permitia que as duas mantivessem contato. Seu pai a alertou: “[...] se a sua mãe cismar com a Tali, já sabe o que pode acontecer” (Enriquez, 2021, p. 301). Como constatamos, os laços de violência que atravessam a conturbada família deixaram seus traumas nas crianças do enredo.

Juan, futuro marido de Rosario, chegou à casa dos Bradford ainda muito jovem e doente. Foi atendido pelo irmão de Mercedes, o doutor Bradford. O médico descobriu que o menino poderia ser o próximo médium e aproveitou essa oportunidade para comprá-lo de seu pai. Esse acontecimento era mais uma grande vitória que os diferenciava dos outros membros dentro da Ordem: ter encontrado o novo médium. Entretanto, a mãe de Juan, que passou a ser um incômodo nas tentativas de reaproximação, também foi vítima de Mercedes. A partir de agora, vamos nos despedir dos senhores feudais, para conhecer um novo casal, contudo sem sair da realeza.

3.1 Eu beijo outras pessoas, mas só amo você

A família formada por Juan e Rosario tem alguns aspectos interessantes de análise. O primeiro deles é a forma não convencional da própria família, que comprou Juan para fins de interesse. O segundo foi a responsabilidade dada a Rosario, que se tornou guardiã de Juan após a jovem tê-lo encontrado na selva. O acontecimento foi importante, pois o futuro médium



havia encontrado seu lugar de poder (lugar que o Médium manifesta a Escuridão para a prática dos cerimoniais). Entre grande prestígio, paixão e incertezas, Rosario foi estudar na Inglaterra, em um processo de fuga e reencontro consigo mesma:

Não queria me jogar em uma existência dedicada a Juan sem ter tido a possibilidade de conhecer como era possível viver sem aquele vínculo obsessivo e devocional. Estava exausta de todas as maneiras possíveis, e assustada, porque percebia que ele e eu iríamos ficar juntos, iríamos ser um casal, os herdeiros, e naquele momento eu queria fugir dessa certeza (Enriquez, 2021, p. 319)

Neste espaço de fuga, mesmo com a afirmada certeza que ambos ficariam juntos e que se amavam, Juan namorou Tali, meia-irmã de Rosario. Além disso, durante um cerimonial⁶, o médium marcou Stephen para si, tornando-o uma espécie de companheiro:

Juan o marcou nas costas com as unhas douradas. Foi um momento inesquecível, porque Stephen era muito jovem, era o filho de Florence e porque as feridas foram profundas e grandes, começavam abaixo da escápula e iam até a cintura [...] a marca também indicava que ele seria o companheiro do médium se quisesse. Nunca senti ciúmes: ao contrário, foi um alívio ter com quem dividir a tarefa. (Enriquez, p. 321, 2021)

Ser companheiro do médium não significava necessariamente uma parceria sexual, embora essa possibilidade não possa ser descartada, pois, anos depois, é descrita uma cena de sexo com Juan e Stephen. Além disso, ser designado a essa tarefa significava estar ao lado do médium tanto nos cerimoniais quanto no processo de profunda recuperação pelo qual estavam submetidos após suas jornadas de trabalho. Caso quisessem, poderiam ser uma energia sexual. Uma parceria fora do casamento, que pode oferecer a prática sexual e afetiva foge da lógica monogâmica. Veja bem, não estou afirmando que a monogamia seja sempre idêntica, muito menos que não exista um círculo de apoio. No entanto, sabe-se que essa rede de pessoas, ao menos na maioria dos casos, não está autorizada a infringir o íntimo do casal e fazer sexo com um(a) dos(as) participantes da relação sem que isso seja configurado como traição. Dentro da Ordem, disputar a presença e atenção do médium (mesmo sem a prática sexual) seria um grande motivo para Rosario se tornar inimiga de Stephen ou, ao menos, olhá-lo com certa desconfiança. Livrar-se dos ciúmes e ter parceiros(as) do mesmo sexo eram práticas aconselhadas. Entretanto, não me refiro à filosofia da seita, mas sim ao fato de que Rosario ambicionava reger a Ordem. Esta seria uma justificativa para não dividir Juan; dito de outra forma, compartilhar o afeto e sua companhia poderia ser um perigo. Porém, como procurei mostrar, naquele momento a herdeira não tinha essa preocupação.

⁶ Reunião em que o médium manifestava a Escuridão, na ocasião o deus revela mensagens incompreensíveis que devem ser decifradas pela seita.



Não é apenas Juan que abre espaço para a discussão da bissexualidade, Rosario, aos 18 anos, conhece Laura em Londres. Uma parceria que transitava entre a amizade e a energia sexual provocada por meio do andrógino mágico:

Mas, principalmente, quando digo nós me refiro ao trio que eu formava com Stephen e Laura. Não era um requisito, mas a Ordem nos encorajava a viver sob a premissa do andrógino mágico, ou seja, podíamos escolher amantes do mesmo sexo para os rituais e para a vida, para que aquela energia nos abraçasse e nos fosse útil nos trabalhos dos mistérios [...] Éramos jovens e ousados: nunca hesitamos em aceitar a sugestão porque, além do mais, quase todas as pessoas da nossa idade e do nosso círculo social viviam assim. O ácido é uma droga muito sexual e, sob seus efeitos, a ideia de que os sexos se relacionem exclusivamente com seus opostos se torna absurda (Enriquez, 2021, p. 327).

Como integrantes da Ordem, Rosario e Juan praticavam a premissa do andrógino mágico. Para um grupo, isso pode ser lido como uma prática não-monogâmica. De todo modo, vale ressaltar apenas um detalhe: a afetividade ainda se concentrou na figura do casal formado pelos dois. Para entender melhor, só é preciso lembrar-se de que Juan procurou por Rosario mesmo após sua morte, fazendo, por exemplo, rituais para encontrá-la em outros mundos. Seu afeto, amor e possessão pareciam destinados exclusivamente a Rosario. Isso não significa que ambos não tenham, em algum momento da relação, expandido a afetividade para outras relações, principalmente, se pensarmos nos seguintes pares: Juan-Stephen e Rosario-Laura, mas em uma análise mais profunda, notamos que essa afetividade foi mais temporal/local no caso das mulheres, ou seja, durante o período que Rosario morou em Londres. E no caso dos homens, para além do afeto, uma tarefa devocional, que se desenvolve durante a narrativa e se mistura com a própria rebeldia contra a Ordem⁷. Neste caso, não saímos da lógica de casais (formados por dois). A afinidade que Rosario relata sentir, principalmente, com Laura e Stephen não foi mencionada justamente por excluir Juan. E a parceria entre Rosario, Juan e Stephen parece girar em torno de Juan. Notem que Stephen e Rosário eram próximos na Inglaterra, mas na presença de Juan, há uma devoção e cuidado maior direcionado ao médium, não parece haver uma igualdade de afeto e preocupação.

Podemos retomar a maternidade dentro do enredo. O ideal de maternidade é quebrado novamente, visto que Rosario relata não ter sentido um amor incondicional por Gaspar logo após o nascimento. O romance começa deslocado e, por isso, a mãe do garoto está morta; porém, ao longo dos capítulos, percebe-se que Rosario já sabia dos planos da Ordem para com

⁷ Depois da morte de Rosario, Tali e Stephen ajudam Juan a esconder Gaspar da Ordem, isso demonstra a relação de cumplicidade e lealdade. Entretanto, não há uma relação não-monogâmica entre os três, embora Juan se relacione sexualmente com ambos.



seu filho (transferir a consciência de Juan para o corpo de Gaspar, em outras palavras, com isso, o menino morreria). Juan se posicionou contra, mas Rosario hesitou em tomar partido. Na narrativa, Rosario é apresentada como alguém que tem o direito de errar, duvidar e se questionar. Ela permeia entre o certo e o errado.

Anos depois, Rosario possui destaque internacional na academia. Isso a torna uma mulher ocupada com o trabalho e seus estudos. Juan passa a maior parte do tempo com a criança e, apesar de ser o médium, não usa isso para conseguir desempenhar funções tipicamente “masculinas”. Do mesmo modo, não é ele um professor universitário famoso ou um médico de prestígio. Sua relevância é guardada dentro da Ordem. Em uma pesquisa a respeito da participação de pais na vida dos/as filhos/as, as autoras mencionam:

[...] verificamos a existência de alguns homens que interessados em participar do cotidiano e do crescimento dos filhos se envolvem ativamente no cuidado destes, e consideram esta tarefa tão importante quanto a profissional. São esses pais que atraem nossa atenção e que se enquadram no que reputamos ser um modelo de paternidade participativa (Sutter, Maluschke, 2008, p. 74)

A paternidade participativa, como chamam as autoras, foi muito importante para Gaspar. Juan buscou distanciar seu filho não só de modelos únicos de ser homem, mas também a respeitar as diferenças. Apesar disso, o pai de Gaspar também usou força e violência com Rosario e o filho. Em busca de salvar seu descendente, o médium perdeu momentos importantes na vida do menino. Logo, evidencia-se que a paternidade participativa caminhou para uma paternidade sombria e violenta. Os aspectos de masculinidade e violência contra mulheres e crianças serão trabalhados em outro artigo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei, neste artigo, apresentar o íntimo e cotidiano familiar a partir, principalmente, de dois casais: Mercedes e Adolfo e, posteriormente, de Rosario e Juan. Nota-se a quebra de certas concepções de família, por exemplo, uma certa distância da monogamia entre os/as participantes da Ordem; o culto a um deus que não é cristão, pois essa concepção religiosa é muito forte em países da América Latina; a bissexualidade, entre outros. Isso permite que o/a leitor/a entre em contato com modos diferentes de entender e de viver no mundo. No entanto, existem algumas precauções as quais falarei a seguir.

Enriquez apresenta outros modelos de famílias, entretanto, são os Bradford que conhecemos com mais profundidade em seu texto. Não é muita novidade que uma família milionária tenha a permissão de viver como quiser em uma sociedade, ou seja, os membros da



Ordem podem escolher parceiros sexuais do mesmo sexo, viver em festas e consumir drogas, porque acessam a esse universo como preferem. No outro dia, apresentam-se normalmente apenas como mais uma família rica no mundo. Outro elemento importante para destacar é a violência. Os atos criminosos da seita devem ser entendidos como condutas ilegais e que ferem os direitos humanos. Essa é, portanto, a inovação da autora: trabalhar todos os elementos supracitados em sua escrita, combinando terror e América Latina, em busca da complexidade humana. O universo de Enriquez tem muitas camadas e muitas formas de observar um mesmo ponto.

Além disso, certos temas como sexualidade, relações amorosas, relações familiares, entre outros, não se restringem às famílias da Ordem. A sexualidade, por exemplo, é um tema abordado por Gaspar (que por anos não sabia da história de sua família e da existência da seita, por isso, aqui não o incluí como participante da Ordem) e seu amigo Pablo. Tali, embora filha de um homem rico, vivia de modos alternativos. Beatriz Bradford, sobrinha de Mercedes, tinha um passado guerrilheiro secreto para a maioria das pessoas e vivia com sua filha, Adela, após a morte do marido, também guerrilheiro; entre outros casos.

A maneira que Mariana Enriquez constrói as famílias permite a cada pessoa refletir que modelos universais são fictícios. Portanto, a impossibilidade de esperar que alguém se comporte do modo que aprovamos, que o pênis seja o norteador das relações e que as mães abandonem suas vidas em nome da maternidade. Muitas vezes, aplaudimos as famílias consideradas “de verdade”, enquanto tentamos imitá-las. Não se trata de recusar a nossa família, nossos posicionamentos e vivências, mas sim de entender as diferenças e não partir da premissa que existe um modelo natural e único de se viver e se construir a família.

O termo beijo cloacal refere-se ao encontro das cloacas que permite a passagem do espermatozoide do macho para a fêmea. Foi o que consegui aprender com um grupo de estudantes prestes a fazer o vestibular, em 2022, durante meu estágio em História. A turma debatia as dúvidas quando entrei na sala de leitura. Em seguida, fui conferir as respostas com uma professora de Biologia, mas um outro funcionário, talvez professor, mencionou: “Deus me livre, cadê o pinto do galo? Como é possível respeitá-lo desse jeito?”. Poderia ter começado o trabalho com esta frase, mas prefiro finalizá-lo dessa maneira, para assim conseguir instigar de um modo diferente as construções históricas, sociais, culturais e políticas ao redor da compreensão da família, do sexo, do falo e de seu papel nas relações de poder.



5. REFERÊNCIAS

ARIZA, Marília Bueno de Araújo. **Mães infames, rebentos venturosos: mulheres e crianças, trabalho e emancipação em São Paulo (século XIX)**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de filosofia, letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 376. 2017.

BECERRIL MATÍA, Sara. **Terror y gótico en Nuestra parte de noche, de Mariana Enriquez: una historia de vida y muerte**. Monografía (Filología hispánica) – Facultad de Filología, Universidad de Salamanca. Salamanca, p. 31, 2020.

DUQUE, Tiago. A rena natalina não é mais a mesma. Campo Grande News, Campo Grande, 22, dez. 2022. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/artigos/a-rena-natalina-nao-e-mais-a-mesma>. Acesso em: 7 jun. 2024.

DUQUE, Tiago. Por uma sociologia que liberte as renas natalinas. O estado online, 29 nov. 2023. Disponível em: <https://oestadoonline.com.br/artigos/artigo-por-uma-sociologia-que-liberte-as-renas-natalina> Acesso em: 7 jun. 2024.

ENRIQUEZ, Mariana. **Nossa parte de noite**. 1 ed. Rio de Janeiro: intrínseca, 2021.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. In. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, p. 39-47, 2006.

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Saberes e sabores ou conversas sobre história e literatura. **Revista História & Perspectivas**, [S. l.], v.24, n. 45, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19401>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SANTOS, Cleyton Rodrigues dos. Em linhas negras: diálogos político-escravistas em Machado de Assis. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 15, n. 1, p. 57-71, jan.-jul., 2022.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**, São Paulo, ed. Companhia das letras, Belo Horizonte, UFMG, 2007.

SUTTER, Christina; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia S. N. F. Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. **Psico**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 74-82, jan.-mar., 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1488>. Acesso em: 17 jun. 2024. Acesso em: 13 jun. 2024.

ZAPATA BETANCUR, Andrés Felipe. **Recorriendo el litoral argentino: un análisis sobre el viaje en Nuestra parte de noche (2019) de Mariana Enriquez**. Monografía (Estudos literários) – Facultad de Teología, Filosofía y Humanidades, Universidad Pontificia Bolivariana. Medellín, p. 86, 2021.